

«TERRA NÃO SE GANHA,  
TERRA SE CONQUISTA»

a caminhada  
do

**MOVIMENTO DOS SEM TERRA DE SUMARÉ II**



Foto cedida pelo Correio Popular

### **ORGANIZADORES**

Laudionor de Souza  
Antonio Segura da Silva  
Aparecida de Jesus  
João Antonio SAVEDRA  
Nagib Pereira de Barros  
Francisco Quintino Calado  
Angelo Perugini  
Geraldo Estevo Pinto  
Nelson José dos Santos  
Bernardo Mançano Fernandes  
Luiz Carlos Torelho  
Ariovaldo Umbelino de Oliveira

### **ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO ASSENTAMENTO DE SUMARÉ - II**

AGROVILA PADRE EZEQUIELLE RAMIN  
RUA 17 DE MAIO S/Nº  
HORTO BOA VISTA - SUMARÉ-SP



**"TERRA NÃO SE GANHA, TERRA SE CONQUISTA."**

**A CAMINHADA DO MOVIMENTO  
DOS SEM TERRA DE SUMARÉ II**

**INTRODUÇÃO**

A luta pela terra, hoje, é uma luta das classes populares, porque é na sua organização, é na sua caminhada que esta luta se realiza.

A terra é a solução dos problemas de milhões de trabalhadores do Brasil, que vieram expulsos do campo para a cidade, como mão-de-obra barata, contudo a própria cidade também o expulsou não lhe dando condições de vida. Por isso o trabalhador rural precisou lutar para criar suas condições de vida, para criar um espaço para eles viverem.

O Movimento dos Sem Terra de Sumaré II que aqui conta sua caminhada, é junto com todo Movimento dos Sem Terra do Brasil, construtores de uma nova sociedade, e nesta sociedade é que existe espaço para eles trabalharem, espaço para a classe popular sobreviver.

A Reforma Agrária é a bandeira erguida pela primeira vez por um povo que luta, e muitas vezes perde a própria vida para poder viver no seu próprio país.

O grupo II de Sumaré-SP mostra na sua caminhada como se faz uma reforma agrária, que é com fé, união e organização, que é com muito trabalho antes de depois de entrar na terra, e que a reforma agrária quem vai fazer não é o governo, é o trabalhador rural.

Em Sumaré no Estado de São Paulo, mais de 120 famílias já estão na terra, resultado de uma luta que elas mesmas começaram, não foi a reforma agrária que colocou eles lá, foram os trabalhadores que pra não viver na miséria e morrer de fome que partiram para a conquista da terra, porque: **TERRA NÃO SE GANHA, TERRA SE CONQUISTA.**



Foto cedida pelo Correio Popular



**Durante nossas reuniões a gente discutia exemplos de trabalhadores que como a gente sofria, sem emprego passando necessidade.**

Foram a partir das experiências do grupo I, que o grupo II iniciou seu trabalho nas reuniões onde a gente discutia os problemas que afligiam a vida da gente, pra lembrar alguns: desemprego, fome, aluguel, opressão, miséria mesmo.

Foram nas reuniões da comunidade, junto com todos os companheiros, onde a gente lia e discutia a Bíblia e outros livros de formação, que a gente foi criando consciência da nossa situação, a gente via que outras comunidades já haviam conquistado a terra e a prova mais próxima estava na conquista do grupo I.

Durante nossas reuniões a gente discutia exemplos de trabalhadores que como a gente sofria, sem emprego passando necessidade, como fala Da. Tereza, trabalhadora do nosso grupo II, numa poesia sua:

"Quando nós lá piorou mais a situação...

O meu filho ficou desempregado, foi mandado embora pelo patrão...

Foi mandado embora sem direito, sem nada, porque o patrão falou que ele não tinha direito não, porque ele não era registrado...

Ele que pagava aluguel... já maltratou meu coração

Eu tenho 12 filhos mas, nenhum dia me dar a mão

Eu tomei uma atitude e também uma decisão

Participar de uma terra e também de uma reunião

Pra ver se a gente plantava arroz e feijão...

Pra matar a fome dos meus filhos que eu tenho compaixão."

Essa não era só a situação da Da. Tereza, mas nas reuniões a gente viu, que essa era a situação de todo o grupo, foi essa situação que levou o grupo a se reunir e reivindicar, lutar por uma vida melhor.

**O "seu" Julio tinha sido lavrador de arroz e feijão no Espírito Santo.**

Outra situação que era igual de todo o grupo é que todos tinham vindo da terra, tinham sido expulsos das terras de todo Brasil.

O "seu" Julio tinha sido lavrador de arroz e feijão no Espírito Santo.

O "seu" Antônio, mineiro tinha trabalhado de café de a meia numa lavoura de café no Espírito Santo.

O "seu" José Bonfim, mineiro, foi lavrador e garimpeiro, trabalhou numa lavoura no Paraná, onde tocou arroz, feijão, milho, café e marfona.

O "seu" Nelson Modesto, cultivou arroz e feijão, e café e mandioca em Andradina-SP.

O "seu" Antônio Felix, paulista, tinha trabalhado na roça durante 25 anos.

O "seu" Aurelino Fernandes, baiano, tinha trabalhado com cacau no Espírito Santo e em Belém do Pará com medição de terra.

O "seu" Alfredo, baiano, foi criado na roça e era o que sabia fazer de melhor, plantar e colher.

O "seu" Alcindo, paranaense, trabalhou o tempo todo na roça e estava desempregado como a maioria do pessoas do grupo.

O "seu" Manoel Lemes, mineiro, trabalhou durante muito tempo na agricultura.



O "seu" Olivio, mineiro, trabalhou na roça no Paraná, até vir para São Paulo.

O "seu" Domingos, paranaense, nasceu e se criou na roça e para ela queria voltar.

O "seu" Vicente, alagoano, nasceu e se criou na roça, veio para São Paulo para tentar uma vida melhor e acabou trabalhando de bóia-fria.

O Silvino, nasceu na Bahia, mas foi criado no interior de São Paulo, como lavrador na plantação de arroz e feijão.

O "seu" José Darci, paulista, criado na roça, trabalhou com horta e gado.

O "seu" Aluisio, nasceu na Bahia, e foi para o Paraná e veio para São Paulo, sempre trabalhando como lavrador.

O "seu" José Muniz, nasceu na Paraíba, sempre trabalhou na agricultura, até vir para São Paulo.

O "seu" Antônio de Carvalho, de São Paulo, é aposentado, mas tinha que trabalhar para continuar vivendo.

O "seu" Sidnei, paulista, foi lavrador de café, milho, feijão, e trabalhou com serviço braçal até ficar desempregado faz dois anos.

O "seu" Vicente Cavalcante, paulista, filho de lavrador, teve que sair da roça porque estava passando fome, trabalhando para os outros, pois o arrendamento era muito caro.

A Da. Tereza como a gente mostrou na poesia dela é mineira, trabalhava na lavoura no Paraná, até vir para São Paulo.

O "seu" Braulirio é mineiro, também passou fome trabalhando para o patrão, se a terra, fosse dele, até dava para enfrentar mas a terra era dos outros.

E tem mais história pra contar de todo o grupo.

a do Ciniro

Benedito

João Viana

Laudionor

Antônio Rodrigues

João Pinheiro

José Higino

Aurélio

da Maria Aparecida  
do Josefino

Pedro Celestino

Leocádio

Cícero José

Francisco Calado

João Savedra

Nagib

Benedito Miguel

Antônio Martins

Sebastião Benedito

Aparecido Cândido

Você percebe o que toda a gente que participava da luta tinha em comum? Todos eram da terra, e da terra tinham sido expulsos.

Agora se a gente prestar bem atenção vai perceber que os companheiros vieram de todo o Brasil, e a gente discutia, o que teria feito a gente andar tanto.

A situação da terra tava cada vez pior, a terra ficava sempre para o grande fazendeiro e a gente tinha que procurar outro lugar para continuar vivendo, e esse lugar era a cidade.

A situação na terra tava cada vez pior, a terra ficava sempre para o grande fazendeiro e a gente tinha que procurar outro lugar para continuar vivendo e esse lugar era a cidade.

Mas a gente não parava pra discu-



tir, pra pensar no que estava acontecendo com a gente.

O que trouxe todos estes trabalhadores para Campinas e Sumaré não foi o destino, mas foi uma política que tirava o homem do campo, tirava o homem da terra, para vir trabalhar de operário na cidade.

E é por isso que hoje nós estamos reunidos aqui, trabalhadores de todo o Brasil, sem trabalho.

E quando a gente se reunia na comunidade pra discutir a vida, foi que a gente percebeu que a gente não tava fazendo nossa própria vida.

É aí que começa nossa luta, que agora vamos contar, já deu pra entender que o nosso problema era a terra.

Nas reuniões a gente tinha a ajuda do Iran, depois do Estevo e do Angelo, que ajudava a gente nas reuniões e nas discussões.

**A gente aprendeu que nesta sociedade, pobre não tem vez, a não ser que ele faça valer a sua vez.**

E a gente foi aprendendo que:

1º - O grupo precisava ser forte, unido em torno de seus interesses.

2º - Precisa estar organizado para defender, criar uma forma de organização de acordo com a realidade do grupo, ir melhorando esta organização pra chegar até formar um sindicato, ou participar de um se já existir.

A gente saiu a procurar terra e encontramos na nossa cidade mesmo, terras ociosas abandonadas, terras que a gente descobriu que era da FEPASA, Ferrovias Paulista Sociedade Anônima.

A gente começou a reivindicar aos 227 ha. de terras abandonadas há mais de 50 anos, pra gente poder plantar e produzir, porque o que os proprietá-

rios querem é ganhar dinheiro com terra parada, enquanto a gente passa fome, quer dizer o lucro dos latifundiários é igual a nossas vidas, quando mais eles ganham mais a gente morre.

**Fizemos três reuniões com eles, sendo que na última a FEPASA também compareceu, onde nós apresentamos uma proposta para a utilização da terra.**

Depois de algumas pesquisas, o grupo ficou sabendo que aquelas terras pertenciam à FEPASA, criamos uma comissão de negociação e fomos a São Paulo para reivindicar as terras junto à Secretaria da Agricultura, junto ao IAF que é o Instituto para Assuntos Fundiários do governo, que trata destes assuntos.

Fizemos três reuniões com eles, sendo que na última a FEPASA também compareceu, onde nós apresentamos uma proposta para a utilização da terra.

A FEPASA não tinha conhecimento desta área que era de sua propriedade, e que estava sendo grilada por um criador de gado e cavalo e que era também onde acontecia muitos assaltos e assassinatos.

Na última reunião em São Paulo, no dia 15 de maio de 1985, junto com a FEPASA e o IAF, fizeram um acordo que o IAF daria para a FEPASA outras terras, e que a gente podia ocupar e trabalhar nestas terras abandonadas.

**"No dia 17 de maio, nós colocamos o pé nesse terrão"**

O grupo iria ficar provisoriamente nestas terras, até receber parte das terras do Horto de Sumaré perto do Grupo I, que estavam arrendadas para



a Usina de Açúcar Sta. Bárbara.

E no dia 17 de maio de 1985 às 3 da tarde, a gente entrou na terra, às 6 da tarde, teve uma celebração para consagrar nossa nova vida.

A Da. Tereza conta bem esta parte: "No dia 17 de maio, nós colocamos o pé nesse terrão.

Nós já conseguimos este boato de entrar neste mato.

Nós entramos aqui às 3 hs. da tarde e às 7 nós estava acabando de entrar no chão.

Não tinha comida nem bebida, por isso nós tomamos esta decisão.

Nós acendemos o fogo em cima do torrão.

Para ver se a gente esquentava água até ver se chegava feijão.

Quando foi 11 hs. da noite nós vimos aquele claridão.

A gente se levantamos e fomos encontrar

e encontramos o Ivan Costa com 5 polícia na mão".

Aí começou a conversação, o Ivan Costa dizia que a gente deixasse a terra, porque a gente tinha "invadido" terra que não era nossa.

A gente sabia que isso não era verdade, ninguém invadiu terra nenhuma, a gente entrou na terra de dia com sol iluminado nosso caminho, e só entramos depois da negociação com a FEPASA e o IAF.

**"E a gente passando frio e dormindo pelo chão".**

A Da. Tereza continua contando:

"Quanto foi 1 h da manhã a Cida foi para o orelhão telefonou para o Eslevo e o João

Daquele dia em diante ninguém ti-

nha mais solução uns falavam que a gente ia ficar

outros falavam que não

Então com muita fé e coragem muita gente sofrendo do coração

E a gente passando frio e dormindo pelo chão

E não tinha sossego para almoçar todo dia tinha muita agressão.

Pela polícia do Ivan Costa que não tinha coração".

Uma semana depois veio o oficial de justiça com o batalhão da polícia militar, foi no dia 24 de maio às 4 da tarde, ele veio com a liminar de expulsão.

A gente se reuniu com o representante da justiça, onde ele falou que a gente não saísse que ele usaria o exército pra tirar a gente da terra.

O grupo mandou uma comissão de negociação para São Paulo pra saber da decisão do IAF.

**"Peguemo o pão que restava, pra a casinha há havia sido destruída, fomo oferecer pros soldados".**

Parece que às vezes as pessoas pensam que lavrador é bobo, parece que as pessoas pensam que só porque uma pessoa não sabe ler, ela também não sabe pensar, que ela não tem valor nenhum pra sociedade.

Tentaram envolver a gente de qualquer jeito, quanto foi maneira, dizendo que na terra ia construído um terminal graneleiro e pra isso a gente tinha que sair da terra, só que a gente conheceu um outro terminal graneleiro abandonado perto daqui, então se era pra utilizar, que usasse aquele, depois passa pelo nosso assentamento e rede de alta tensão.

E no dia 27 de maio de 1985 às 3 da tarde, chegou de novo o oficial de justiça com o batalhão de polícia de Americana prá expulsá a gente da terra.

Tivemos a ajuda de muita gente, do Angelo, do Peninha, do Pe. Israel, tentamos conversar com a justiça mas não foi possível.

A Cida que viveu na pele junto com todo o grupo este momento, vai contar melhor a história:

**Luciana varou a barreira, saiu correndo foi lá e entregou o pão, e teve gente que viu, o soldado chorou, e não pode abaxar a mão para aceitar o pão, o pão oferecido. . .**

"Em mim particularmente naquele momento, foi o momento que mais me tocô, quando começaram a derrubar o primeiro barraco construído com tanto sacrifício, de guém que nunca teve sua casinha, para simplesmente fazê o gosto de uma minoria que tem, em cima daqueles que não tem, tinha uma faixa assim na frente que dizia "REFORMA AGRÁRIA-JÁ", ESSE PAÍS É NOSSO" e eu me perguntei: será que esse país é nosso? Se a terra é de Deus e ninguém é dono da terra e de repente vem alguém e toma a terra da gente, peguei a faixa e chamei a Dali e falei, Dali vem mi ajudar, e comecei a gritar - Reforma Agrária-Já, esse país é nosso! Aí veio o oficial de justiça mais o Pe. Israel dizendo: Cida cê tá louca, eles veio bater em vocês, mas a gente achava um absurdo

aquilo que eles estavam fazendo, não dá pra acreditar que um ser humano faz aquilo com um outro. . . aí o pessoal veio e se juntou em mim e as crianças chorando, as companheira chorando com as crianças, aí eles vieram e me tiraram a faixa. . . dava uma força, cada vez dava mais força e tava unindo mais a gente. . . peguemo o pão que restava, pois a casinha já havia sido destruída e lomo oferecer pros soldados, mas o oficial e o sargento impediram a gente de chegar até os soldados, mas uma criança conseguiu varar a barreira que eles fizeram na nosa frente, foi a Luciana, conseguiu varar a barreira entregar o pão para o policial, mas o policial duro lá na frente, mas teve gente que notou, eu fui tirada pra fora, mandaram que eu saísse, conseguiram me tirar prá fora fazê com que eu recuasse, mas a Luciana varou a barreira, saiu correndo foi lá e entregou o pão, e teve gente que viu, o soldado chorou, e não pode abaixar a mão para aceitar o pão, o pão oferecido. . . e aí o padre chamou, chamou porque ficou com medo que eles batessem na criança, isso pra gente foi uma coisa que marcou muito!"

Se todos aqueles que não querem fazer a Reforma Agrária pensam que é expulsando o trabalhador da terra que vão resolver a situação, estão errados, a expulsão fortalece mais o grupo, a união da gente aumentou ainda mais, e a luta continuou.





Foto cedida pelo Correio Popular

Nestas alturas dos acontecimentos a FEPASA veio com uma proposta de emprego pra gente, a proposta era a seguinte.

A gente teve que sair da terra, fomos para a Av. dom Agnello Rossi, perto do assentamento, aí começamos com as manifestações, fizemos passeatas até a Prefeitura de Campinas, na esperança que o prefeito pudesse ajudar na nossa situação, mas aí também a gente aprendeu que quem tá bem de vida, tem muito dinheiro, não se interessa pelo sofrimento e a miséria dos outros, aí a gente aprendeu que: TERRA NÃO SE GANHA, SE CONQUISTA, que a ajuda da gente era a gente.

Nestas alturas dos acontecimentos a FEPASA veio com uma proposta de empregos pra gente, a proposta era

a seguinte:

Eles contratavam a gente pra cortar eucalipto nos bosques da FEPASA, ganhando salário mínimo, mais casa pra morar pagando um aluguel de 18% do salário mínimo, mas a gente não aceitou porque a gente entendeu que aquela proposta ia acabar com o grupo, a gente demorou tanto tempo pra se reunir, e agora podia se separar, por isso a gente não aceitou, a gente ia trabalhar no horto de Iperó, só que lá não comporta todo o grupo, logo iam mandar parte do grupo para outro lugar, e a gente não podia se separar, nossa força estava na nossa união, e depois tinha que prestar exame médico, e aí os companheiros velhos e doentes iam ficar de fora, além do mais a gente antes de se unir, tinha ido procurar emprego na FEPASA, e ela tinha negado, e agora tinha aparecido emprego pra gente.



Foto: Cultura Popular - FEPASA



Af não tinha outro jeito, decidimos ir negociar todo mundo.

Como a gente não a ceitou a proposta a imprensa caiu de pau em cima da gente, dizendo que nós tava sendo usado por políticos, mais uma vez parece que as pessoas pensam que trabalhador rural é bobo, mas o que a imprensa fez foi "queimar" a gente junto a opinião pública, assim as ajudas em alimento começaram a escassear e como a gente tava acampado sem produzir a gente ficou sozinho.

Como não teve outro jeito, decidimos ir negociar todo mundo.

Arrumamos condução e fomos todo mundo do grupo para a Secretaria da Agricultura em São Paulo, pois a três meses que a gente estava ali acampado, e não via solução praquela situação miserável que a gente estava vivendo, tanta humilhação e nada de solução.

Quando chegamos na Secretaria da Agricultura, os funcionários estranharam tantos lavradores lá dentro, às 9:00 hs da manhã chegou o secretário da agricultura. Às 15:00 hs a nossa comissão de negociação foi chamada para conversar, e a gente tinha decidido que não ia sair dali sem nenhuma decisão.

A FEPASA veio com nova proposta de emprego, agora oferecendo um salário de Cr\$ 748.000, aceitaria todos os integrantes do grupo para trabalhar, e todos poderiam ficar juntos no mesmo local.

"Eu num sei se vocês estão entendendo a nossa linguagem ou não querem entender, estamos dentro da Secretaria da Agricultura exigindo terra, se a gente quisesse emprego, estaríamos na Secretaria do Trabalho".

A comissão não aceitou a proposta de emprego.

E o coordenador da Secretaria da Agricultura, perguntou nervoso o que agente queria então?

Foi quando o Laudionor falou:

"Eu num sei se vocês estão entendendo a nossa linguagem ou não querem entender, estamos dentro da Secretaria da Agricultura exigindo terra, se a gente quisesse emprego, estaríamos na Secretaria do Trabalho". E aí a comissão resolveu parar a reunião, já estava tarde da noite e eles não chegavam numa solução era para retomar a reunião no outro dia de manhã se a Secretaria estivesse disposta a negociar a terra.

Aí então parece que as coisas clarearam para os homens da Secretaria e da FEPASA, e em poucos minutos fizeram um acordo com a gente.

1º - A FEPASA poderia romper o contrato com a usina de açúcar Sta. Bárbara.

2º - O grupo poderia voltar para as terras de onde havia sido expulso.

3º - Em última hipótese, qualquer terra fora do município de Sumaré, serviria.

A Secretaria pediu um prazo de 10 dias para responder uma das propostas.

No dia 25 de julho de 1985, DIA DO TRABALHADOR RURAL, o grupo participou da passeata e ato público em São Paulo, e depois foram até a Secre-



taria da Agricultura, onde recebemos a resposta que a gente poderia voltar para a mesma terra que tínhamos sido expulsos.

O grupo então se organizou para conseguir alguns contratos com o Governo, entre eles, financiamento para a primeira plantação, correção de solo, máquina para fazer gradagem pesada nas terras e também para comprar um trator.

### **Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento de Sumaré II**

O grupo conseguiu também que o Estado enviasse um engenheiro agrônomo para orientação nas questões de correção do solo.

O grupo fundou então a:

**Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento de Sumaré II.**

**Horto Boa Vista - Sumaré - SP  
Agrovila Pe. Ezequiel Ramim  
Rua 17 de maio s/nº**

A CAIC forneceu as máquinas para a destocagem e gradagem. A Caixa Econômica Estadual forneceu o financiamento para comprar o trator com os implementos e insumos para correção de solos.

O financiamento para o custeio da lavoura foi feito através de um contrato com o Governo que é a carta de

anuência, onde a safra é a garantia que o governo possui, com a carta de anuência a associação fia os beneficiários do assentamento, e a COSESP, Companhia de Seguros do Estado de São Paulo, garante a Caixa caso haja a perda total ou parcial da safra.

**Nossa primeira produção foi de milho e feijão.**

O grupo que conta com 36 famílias, possui 5 áreas de produção, 4 áreas destinadas para o trabalho de cada grupo de 9 famílias, quer dizer cada grupo de 9 famílias trabalha numa área, e a quinta área é trabalhada por todo o grupo, e o produto é vendido para pagar as despesas da associação com óleo diesel, pneus, implementos etc.

Agora o que fortalece o nosso trabalho é o coletivismo, o trabalho cooperado, e as decisões são tomadas em reuniões, as eleições são realizadas a cada 2 anos onde são eleitos toda a diretoria da associação.

Nossa primeira produção foi de milho e feijão, onde a gente vendeu diretamente nas comunidades.

Depois de todas estas lutas, os problemas continuam surgindo, e a gente vai se reunindo e procurando soluções para resolvê-los, pois agora nós temos nossa terra e ser produtor, é ter que cuidar da terra é o que a gente faz, e é esse o nosso trabalho.



## A luta continua. . .

Hoje a gente vê que nós vencemos apenas uma etapa da nossa caminhada, agora será preciso conquistar financiamentos mais baratos, lutar por uma política agrícola voltada para o pequeno produtor.

A gente também tá pensando na nossa situação, a gente pode ficar aqui no Horto Boa Vista ou ir para o horto de Sumaré, e quando a gente resolver isso vamos ter que pensar nas novas lutas, luz, água, escola e tecnologia barata.

Sabemos que para produzir cada vez mais é preciso tecnologia, trator, correção de solo, irrigação etc.

De nossa luta a gente vê que o que ajudou, fez o movimento crescer, foi a nossa união, nossa organização, é preciso ir todos para a luta em torno de seus ideais, não se pode deixar enganar por propostas que não sejam aquelas que permitam chegar a terra para nela trabalhar, não podemos deixar o movimento dos Sem Terra enfraquecer, temos que partir para a luta, conquistar nosso pedaço de chão, a luta continua.

Da. Tereza termina assim sua poesia:

“Eu peço com fé e esperança para os meus irmãos. . .

Para eles conseguir as outras terras para defender o pão. . .

Que é o grupo III do meu coração.”

A fé e a esperança da Da. Tereza já se realizaram o grupo III está assentado, depois de muita luta, pois chegou a caminhar 100 km a pé, de Campinas à São Paulo, para exigir terras.

Hoje o grupo III está assentado em Porto Feliz - SP.

Por isso é que a gente quer falar que é necessário a luta, e a gente sabe que não é fácil, mas esta é a única maneira de se CONQUISTAR A TERRA.

MOVIMENTO DOS SEM TERRA  
DE SUMARÉ II

«terra não se ganha, terra se conquista»

SUMARÉ-SP



Foto cedida pelo Correio Popular